

GRUPO CORPO

parabelo

(estreia: 1997)

coreografia: Rodrigo Pederneiras

música: Tom Zé e Zé Miguel Wisnik

cenografia: Fernando Velloso
Paulo Pederneiras

figurino: Freusa Zechmeister

iluminação: Paulo Pederneiras

(Duração: 42 minutos)

Contagiado pela luminosa trilha especialmente composta por dois ícones da música de vanguarda nativa – o baiano de Irará Tom Zé (autor de *São São Paulo, Meu Amor*) e o paulista de São Vicente José Miguel Wisnik (autor de *Sou Baiano Também*) –, o coreógrafo mineiro Rodrigo Pederneiras deu vida àquela que ele mesmo define como “a mais brasileira e regional” de suas criações.

Com o título extraído da única letra presente na música original do espetáculo, *PARABELO*¹, a 27ª coreografia apresentada pelo GRUPO CORPO desde a sua fundação em 1975, funde numa só peça, de indefinível beleza, a brasilidade mineira do GRUPO, a baianidade “pré-gutembergiana” e pós-moderna de Tom Zé e a poética pop-erudita-antropofágica de Wisnik.

Regional, contemporâneo. Brasileiro, universal

Escrever com um *ele* só e acento agudo a palavra balé tem sido a busca consciente e obstinada de Rodrigo Pederneiras desde o antológico *21*, de 1992. De lá pra cá, o coreógrafo e um dos fundadores do GRUPO CORPO vem ampliando e consolidando uma escritura coreográfica própria que, sem renegar a imortal escola francesa, liberta-se, cada vez mais, de seus dogmas, ao mesmo tempo em que incorpora

¹ *Parabelo* – corruptela de parábélum, pistola automática de procedência alemã, cuja etimologia deriva da máxima latina ‘Si vis pacem, para bellum’ ‘Se queres a paz, prepara-te para a guerra).

dicções, fonemas e vocábulos típicos de gêneros populares brasileiros. Num processo gradativo de desconstrução da forma, o arquiteto de *Missa do Orfanato* e *Sete ou Oito Peças para um Ballet* vem abrindo espaço também para a manifestação dos diferentes temperamentos cênicos de seus bailarinos, sem, com isso, deixar que se perca o sentido de unidade inerente à natureza do GRUPO CORPO.

A inspiração sertaneja e a transpiração pra lá de contemporânea dos nove temas que compõem a trilha de *PARABELO* caíram como uma luva nos desígnios do criador mineiro de dar andamento à construção de uma gramática cênica genuinamente brasileira.

Pontuado por alusões explícitas ao xaxado e ao baião, esbanjando jogo de cintura, marcação rítmica de pé, meia-volta e volta-e-meia, *PARABELO* é uma arrebatadora afirmação da força expressiva do bailado que é nosso, e de mais ninguém. É mulato, é cafuzo, é mameluco. É mestiço, é brasileiro. É sol a pino em chapéu-de-couro e terra seca. Cheira a suor de custosa labuta e a *suação* gozosa, prazenteira. Soa a forró folgazão, a cantoria de trabalho, a *incelença* carpideira. É penetrante e luzidio. É parabelo.

Jogo de luz, cores e véu

Em rica rima com a inflexão popular regionalista e a reflexão contemporânea empregadas na música original e na coreografia, Fernando Velloso e Paulo Pederneiras vão buscar na estética de ex-votos de igrejas interioranas inspiração para compor os dois painéis, de 15m X 8m, que – ilustrados com imagens retrabalhadas e impressas em sistema digital, a partir fotos de José Luiz Pederneiras – dão sustentação cenográfica ao espetáculo.

Com malhas de pernas e mangas compridas em variações de vermelho, laranja e amarelo, a intensidade das cores levemente velada por um tule negro e revelada somente nas sapatilhas, a figurinista Freusa Zechmeister cria o jogo de luz e sombra que veste, num primeiro momento, os intérpretes de *PARABELO*. A explosão festiva da parte final do balé tem pernas curtas de pescador e sapatilhas da cor da pele, que criam a ilusão de pés descalços; exhibe o colo das meninas, num atrevido tomara-que-caia; e desnuda o dorso dos rapazes; enquanto, livres do véu, as malhas alardeiam a temperatura jubilosa e alta de suas cores.

E aí, como rezam os versos do repente final, é *a lua na cacunda do cometa / ...a zabumba e o fole a zabumbá / é o raio quando o céu todo corisca / e o triângulo engulindo faisca...*